

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

id. 13, 14.

SUMMARIO:

ENCYCLICA DO NOSSO SANTO PADRE LEÃO XIII ACERCA DA MAÇONARIA (continuação).—SECÇÃO RELIGIOSA: *A Cruz!*, por Dom Antonio de Almeida.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O Probabilismo, IV*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO HISTORICA: *Outro manuscrito—O scisma da Igreja de Braga*, (continuação) pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos.—SECÇÃO CRITICA: *Os chamados liberais e os frades*, por Elias de Sampaio.—SECÇÃO LITTERARIA: *A beira-mar*, poesia, por A. Moreira Bello.—SECÇÃO ILLUSTRADA: *O Cardeal Antonelli*, por R.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por A. dos Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE JUNHO DE 1884

A VOZ DA EGREJA

CARTA ENCYCLICA

DE

SUA SANTIDADE LEÃO XIII
PAPA PELA GRAÇA DE DEUS

(Continuação)

EXISTE no mundo um certo numero de seitas que, apesar de se differencarem umas das outras no nome, nos ritos, na forma e na origem, se assimilham e ajustam entre si pela analogia do escopo e dos principios essenciaes. Com effeito, ellas são identicas á Franc-Maçonaria, que é, para todas as outras, como que o ponto central, d'onde procedem e onde terminam. E se bem que, presentemente, ellas teem a apparencia de não desejar permanecer encobertas; se bem que teem reuniões em pleno dia e ás vistas de todos; se bem que publicam os seus jornaes, todavia, se se investigar profundamente, ver-se-ha que pertencem á familia das sociedades clandestinas e que d'ellas guardam as apparencias. Ha, com effeito, entre ellas uma especie de mysterios, que a sua constituição prohibe, com o maior cuidado, divulgar, não só ás pessoas de fóra, mas mesmo a bom numero de seus adeptos. A esta cathedra pertencem os conselhos intimos e supremos, os nomes dos chefes principaes, e certas reuniões mais occultas e interiores; o mesmo acontece com as decisões tomadas, com os meios e os agentes d'execução. Para esta lei do segredo concorrem maravilhosamente a divisão, feita entre os associados, dos direitos, dos serviços e dos encargos, a distincção hierarchica, sabiamente organisada, das ordens e graus, e a disciplina severa, a que todos estão submettidos. A maior

parte das vezes, aquelles que solicitam a iniciação devem prometter, ou, melhor dizendo, devem fazer o juramento solenne de nunca revelarem a ninguem, em qualquer occasião ou de alguma maneira, os nomes dos associados, os traços caracteristicos e as doutrinas da sociedade. E' assim que, sob apparencias illusorias e fazendo da dissimulação uma regra de proceder, como outr'ora os Manicheus, os Franc-Mações não se poupam a esforços para se encobrirem e não teem outras testemunhas senão os seus cúmplices.

O seu maior interesse é não parecerem o que são, apparentando d'amigos das letras ou de philosophos, reunidos em conjuncto para cultivar as sciencias. Não fallam senão do seu zelo pelos progressos da civilização, de seu amor pelo desgraçado povo. Esforçam-se por fazer acreditar que o seu unico fim é melhorar a sorte do povo e estender a grande numero d'homens as vantagens da sociedade civil. Mas, suppondo que estas intenções fossem sinceras, estariam longe d'esgotar todos os seus projectos. Aquelles que são filiados, devem prometter obedecer cegamente, e sem discussão, ás ordens expressas dos chefes, e estar sempre promptos, á menor notificação, ao mais ligeiro signal, para executar as ordens dadas, sujeitando-se previamente, em caso contrario, aos tratos mais rigorosos, mesmo á morte. Effectivamente não é raro que a pena do ultimo supplicio seja infligida aquelles dos seus membros, de que a Franc-Maçonaria esteja convencida que quebraram a disciplina secreta da sociedade, ou resistiram ás ordens dos chefes; e isto pratica-se com uma tal audacia e uma tal dextreza que, a maior parte das vezes, o executor d'estas sentenças de morte escapa á justiça estabelecida para vigiar os crimes e tirar vingança.—Ora, viver na dissimulação e querer envolver-se nas trevas;

encadear a si pelas mais apertadas algemas, e sem ter préviamente dado a conhecer o seu ponto de mira, homens reduzidos, assim ao estado d'escravos; empregar, em todas as qualidades d'atentados, estes instrumentos passivos d'uma vontade estranha; armar braços para o homicidio, assegurando-lhes a impunidade do crime, são monstruosidades praticas, condemnadas pela propria natureza. A razão e a verdade são sufficientes para provar que a sociedade, de que fallamos, está em formal opposição com a justiça e a moral naturaes.

Outras provas, d'uma grande clareza, se ajuntam ás precedentes, e são ainda melhores para vêr até que ponto, pela sua constituição essencial, esta associação repugna á honestidade. Por enorme que possa ser entre os homens a astuciosa habilidade da dissimulação e o habito da mentira, é impossivel que uma causa, seja qual fór, não se traiha pelos effeitos de que é causa: *una boni arboris non potest dar malos fructus, e una mala arboris non os potest producir bonis.* (1)

Ora, os fructos produzidos pela seita maçonica são perniciosos e do maior amargor. Eis, com effeito, o que resulta do que precedentemente indicamos, e esta conclusão nos dá a conhecer a ultima palavra dos seus projectos. Os Franc-Mações tratam—e todos os seus esforços tendem para esse fim—tratam de destruir inteiramente toda a disciplina religiosa e social, que nasceu das instituições christãs, e de lhe substituir uma nova, amoldada ás suas ideias, e cujos principaes fundamentos e leis são importados do Naturalismo.

Tudo o que acabamos de dizer e o que nos propomos acrescentar, deve entender-se da seita maçonica, considerada no seu conjuncto, e entanto que ella abraça outras sociedades, que são suas

(1) Matth. VII, 18.

irmãs e aliadas. Não pretendemos applicar todas estas reflexões a cada um de seus membros, individualmente. Entre elles, com effeito, se pôde encontrar, e mesmo em grande numero, alguns que, apesar de não isentos de culpa por se terem filiado em semelhantes sociedades, não entram, todavia, nos seus actos criminosos e ignoram o fim principal que estas sociedades se esforçam por atingir. Do mesmo modo pôde succeder que alguns grupos não approve as conclusões extremas, ás quaes a logica devia obrigar-os a adherir, pois que dimanam necessariamente dos principios communs a toda a associação. Mas o mal traz consigo uma infamia que por si mesma repelle e amedronta. Além d'isso, circumstancias particulares de tempo ou de logares podem persuadir certas fracções a permanecer fóra do que ellas desejariam fazer, ou do que fazem outras associações. Não se pôde deduzir d'isto que estes grupos sejam estranhos ao pacto fundamental da maçonaria. Este pacto precisa ser apreciado menos pelos actos ultimados e pelos seus resultados do que pelo espirito, que o anima, e pelos seus principios geraes.

Ora, o primeiro principio dos Naturalistas é que, em todas as coisas, a natureza ou a razão humana deve ser mestra e soberana. Suppondo isto, se se trata dos deveres para com Deus, ou fazem pouco caso d'isso, ou alteram a essencia por opiniões vagas e sentimentos erroneos. Negam que Deus seja o auctor de qualquer revelação. Para elles, logo que a razão humana não o possa comprehender, não ha dogma religioso, nem verdade, nem mestre na palavra, no qual, por seu mandato official de ensino, se deva ter fé. Ora, como inteiramente a missão propria e especial da Igreja catholica consiste em receber na sua plenitude e guardar com uma pureza incorruptivel as doutrinas reveladas por Deus, assim como a auctoridade conferida para ensinal-as, e os outros soccorros do céo para salvar os homens, é contra ella que os adversarios desenvolvem o maior furor e dirigem os mais violentos ataques.

Veja-se, nas coisas que dizem respeito á religião, o que faz a seita dos Franc-Mações, principalmente onde a sua actividade se pôde exercer com uma liberdade mais licenciosa; e diga-se se ella não parece obedecer á ordem de pôr em execução os principios do Naturalismo.

Assim, ainda que á custa de um longo e tenaz labor, ella propõe-se reduzir a nada, no seio da sociedade civil, o magisterio e auctoridade da Igreja, d'onde se tira a consequencia que os Franc-Mações se esforçam em vulgarisar o principio, pelo qual não cessam de combater, de que é absolutamente necessario separar a Igreja do Estado. Como se vê, excluem

das leis e da administração da causa publica a salutarissima influencia da religião catholica, e nutrem logicamente a pretensão de constituir o Estado inteiramente fóra das instituições e dos preceitos da Igreja.—Mas não lhes é sufficiente excluir de toda a participação do governo dos negocios humanos a Igreja, essa guia tão sabida e tão segura; tratam-na ainda como inimiga e usam de violencia contra ella. D'aqui a impunidade, com a qual pela palavra, pela penna, pelo ensino, lhes é permittido atacar os proprios fundamentos da religião catholica. Nem os direitos da Igreja, nem as prerogativas de que a Providencia a dotou: nada escapa aos seus ataques. Annulla-se quasi a sua liberdade de acção por leis que, na apparencia, não parecem demasiadamente oppressoras, feitas adrede para destruir esta liberdade.

Entre o numero das leis excepcionalmente feitas contra o clero, Nós assignaremos particularmente as que tem por fim diminuir notavelmente o numero dos ministros do Santuario, e reduzir sempre de cada vez mais os seus meios indispensaveis d'acção e de existencia. Os restos dos bens ecclesiasticos, sujeitos a mil escravidões, são collocados sob a dependencia e bel-prazer de administradores civis. As comunidades religiosas são supprimidas ou dispersas.—Para com a Sé Apostolica e o Pontífice Romano, a inimidade d'estes sectarios redobrou d'intensidade. Depois de, sob falsos pretextos, terem despojado o Papa da sua soberania temporal, necessaria garantia da sua liberdade e dos seus direitos, reduziram-no a uma situação ao mesmo tempo iniqua e intoleravel, até que enfim, n'estes ultimos tempos, os fautores d'estas seitas chegaram ao ponto que era de ha muito o fim dos seus secretos designios, a saber: proclamar que era chegado o tempo de supprimir o poder sagrado dos Pontífices Romanos e destruir completamente este Papado que é d'instituição divina. Para pôr fóra de duvida a existencia d'un tal plano, á falta d'outras provas, bastaria invocar o testemunho d'homens que pertenceram á seita e cuja maior parte, quer no passado, quer n'uma epoca mais recente, attestaram como verdade a vontade em que estão os Franc-Mações de perseguir o catholicismo com uma inimidade exclusiva e implacavel, com a firme resolução de não pararem senão depois de terem arruinado completamente todas as instituições religiosas estabelecidas pelos Papas.

E se todos os membros da seita não são obrigados a abjurar explicitamente o catholicismo, esta excepção, longe de prejudicar o plano geral da Franc-Maçonaria, serve melhor para os seus interesses. Permite-lhe em primeiro logar enganar mais facilmente as pessoas sim-

ples e sem desconfiança, e torna accessivel a um maior numero a admissão na seita. Além d'isso, abrindo as suas fileiras a adeptos que lhe vão das religiões mais diversas, tornam mais capaz de acreditar-se o grande erro do tempo presente, o qual consiste em collocar no numero das coisas indifferentes a sollicitude da religião e pôr no mesmo nivel d'egualdade todas as formas religiosas. Ora, por si só, este principio basta para arruinar todas as religiões, e particularmente a Religião Catholica, porque, sendo a unica verdadeira, não pôde, sem soffrer a ultima das injurias, tolerar que as outras religiões lhe sejam eguaes.

Os Naturalistas vão mais longe ainda. Audaciosamente embrenhados na estrada do erro sobre as mais importantes questões, são arrastados e como precipitados pela logica até ás consequencias mais extremas dos seus principios, quer por causa da fraqueza da natureza humana, quer pelo justo castigo com que Deus lhes pune o orgulho. D'ahi se segue que até já nem conservam na sua integridade e na sua firmeza as verdades de per si accessiveis á razão natural, como certamente são a existencia de Deus, a espiritualidade e a immortalidade da alma. Levada n'uma nova corrente d'erro, a seita dos Franc-Mações não escapou a estes escolhos. Ainda que effectivamente, tomada no seu conjuncto, a seita faz profissão de crer na existencia de Deus, o testemunho dos seus proprios membros estabelece que esta crença não é para cada um d'elles individualmente o objecto d'um assentimento firme nem d'uma inabalavel certeza. Não dissimulam que a questão de Deus é entre elles uma causa de grandes divergencias. Está mesmo averiguado que ha pouco tempo travou-se entre elles uma séria controvérsia a este respeito. De facto, a seita deixa aos iniciados plena liberdade de se pronunciarem n'este ou n'aquelle sentido, quer para affirmar a existencia de Deus, quer para negal-a; e os que negam resolutamente este dogma são recebidos na iniciação tão facilmente como os que, d'uma certa fórma, o admittem ainda, mas alterando-o, como os pantheistas, cujo erro consiste precisamente, conservando do Ser divino não se sabe que apparencias absurdas, em fazer desaparecer o que ha de essencial na verdade da sua existencia.

Ora, quando este fundamento necessario é destruido ou sómente abalado, d'isso mesmo se origina que os outros principios da ordem natural vacillam na razão humana e já nem ella sabe a que se ha-de ater, nem ácerca da criação do mundo por um acto livre e soberano do Creador, nem ácerca do governo da Providencia, nem ácerca da sobrevivencia da alma e realidade d'uma vida futura e immortal que se succede á vida

presente. O arrazamento das verdades que são a base da ordem natural, e que importam tão grandemente á regra racional e pratica da vida, terá uma influencia nos costumes domesticos e publicos.—Passemos em silencio estas virtudes sobrenaturaes que, a não ser por um dom especial de Deus, ninguem pôde praticar nem adquirir; virtudes de que é impossivel achar-se o menor traço nos que fazem profissão de ignorar desdenhosamente a Redempção do genero humano, a graça, os Sacramentos, a felicidade futura a conquistar no céu. Nós fallamos simplesmente dos deveres que resultam dos principios da honradez natural.

(Continúa).

Secção Religiosa

A CRUZ!

ERA a cruz!... E' a Cruz...!
Antes da Divina Redempção era a cruz o maior significado de ignominia, e de modo era ignominiosa, que o *civis romanus*, por maior que fosse o seu crime, nunca podia ser punido ou justicado com a crucifixação. Lê-se na *Epist. D. Pauli ad Gal. Cap. III. Etc.*: «*Maledictus omnis qui pendet in ligno*» = maldicto todo aquelle que pende da cruz, ou que foi punido com a crucifixação. Assim o *Apostolo* faz ver o que era a cruz como instrumento de castigo, e como o crucificado devia ser ignominioso para que por tal merecesse a punição de mais ignominia, a punição da cruz.—Os Romanos pagãos, entrando em Jerusalem, entenderam, que não podiam saciar melhor seu rancor e desproso pelos Judeus que crucificando-os, e tantos crucificaram, que, faltando-lhes já a madeira para fazerem as cruces, estendiam na terra em forma de cruces os Judeus, e assim estendidos lhes trespassavam as mãos e os pés para que morressem. Os ladrões eram dos condemnados á crucifixação. E' pois, certo, que a cruz era a pena mais infamante até ao «Dia» em que se tornou no *Instrumento* o *Mais Glorioso!*

Na *Epist.* citada e *loc. cit.* diz o citado *Apostolo*:

«*Christus nos redemit de maledicto legis, factus, pro nobis maledictum*» = Christo remiu-nos da maldição da lei tomando a cruz por nosso amor como se fora um maldicto. Esta Divina Resolução de Amor foi sellada com a Divina Resolução de Infinita Humildade, e desde Taes Resoluções a cruz de opprobrio transformou-se em Cruz Gloriosa pois que foi o *Instrumento* na Divina Redempção! A cruz, entre as cruces de dous ladrões, tornou-se o *Santo Lenho* e para todas as

gerações a *Bandeira da Salvação!* o *caminho unico* para chegar á Bemaventurança Eterna; e a *Arma* sem par na defesa contra todos os nossos inimigos, perturbadores do nosso verdadeiro bem possível na Terra a ligar com o bem sem fim na Eternidade! Tornou-se o *Signal do Christão* e Divisa do bom cidadão! Tornou-se o *Objecto* inseparavel dos seguidores do Redemptor Divino! Tornou-se o *Centro* dos Altares, o *Encimado* nas Cupulas e Torres; o *Sobreposto* nas côrãs dos Imperadores e Reis; e o *Sello Maior* dos actos das *Républicas Christãs*, que por serem *assim* têm sido as *Républicas justas* e estas as *Républicas honestas!* Tornou-se, a cruz «*Sanctificada*» o *Annunciador* da Verdadeira Religião e com esta da Verdadeira Civilização; e depois do *Annuncio* o *Meio Exclusivo* para a felicidade inteira e sem fim de todos os homens de boa vontade! Tornou-se o *Resumo*, alliado com a *Immensidade*, do que o homem tem a *crer, esperar e amar*, sendo ainda o *Livro* que contem *Toda a Sciencia Verdadeira* e toda a *Verdadeira Arte!*

Sim! por isso que é na Cruz que «*está*» O *Homem-Deos Crucificado*, embora no céu a *Sustente* e não seja n' *Ella Sustentado!* E a Cruz tudo faz, qual *Instrumento* da Divina-Humanidade de *Crucificada!*

«*Ave Cruz, spes unica!*»

Maio de 1884.

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Secção Scientifica

O PROBABILISMO

IV

SEGUNDO o plano que temos seguido e de que jámais nos desviaremos, na questão tão debatida do *probabilismo*, não entramos no merecimento intrinseco d'um ou outro systema theologico-moral. Tratamos aqui d'este assumpto como simples historiador, sem expressamente definirmos qual dos dous systemas é preferivel na pratica.

Sendo esta uma opinião declarada livre pela Igreja, cada um pôde tomar a liberdade de abraçar o que mais lhe aprouver, com as devidas precauções, evitando sempre os dous extremos reprovados, isto é, o laxismo e o rigorismo.

Dissemos *opinião declarada livre pela Igreja*, e effectivamente assim é. A Igreja nunca condemnou o *probabilismo probabiliorismo*, mas unicamente o abuso d'um e outro systema, censurando algumas proposições muito relaxadas ou muito severas, mal deduzidas dos principios geraes.

Quando, pois, alguns auctores affirmam que o *probabilismo* é um systema moral condemnado pela rasão e pela auctoridade, erram evidentemente: nem uma nem outra cousa é verdade.

Repetimos mais uma vez: a Igreja nunca condemnou o *probabilismo* bem entendido; e pelo que respeita aos argumentos intrinsecos, sem nada decidirmos n'este ponto, diremos que são bem deduzidos pelos sequazes d'este systema, como se vêem forçados a confessar os mesmos adversarios, principalmente os que escreveram depois de Santo Alfonso Maria de Liguori.

Cumpre-nos advertir que alguns auctores, sobretudo os jansenistas ou fautores do jansenismo, se pronunciaram muito acrimosamente contra o *probabilismo*, accusando-o de moral corrupta.

Erraram; e muitos d'elles cahiram no excesso de sustentarem doutrinas erroneas, reprovadas pela Igreja, não obstante a pretensão de seguirem uma moral mais rigida.

Os homens entregues a especulações metaphysicas, não raras vezes, não comprehendem bem a questão do *probabilismo*, e parece-lhes um absurdo intolavel.

Ora vejam o que nos seus *Elementos de metaphysica* diz o celebre Antonio Genuese:

«Ninguem pôde ignorar, a não ser inteiramente estúpido, que o homem, segundo dicta a mesma natureza, deve abraçar o que é certo para conseguir um fim, quando o conhece depois de diligente exame.

«Se, porem, depois d'uma exacta e diligente investigação, não conhece o que é certo, o mesmo dictame da recta rasão exige que na duvida se escolha o mais seguro, no provavel o mais provavel, como mais proximo ao fim. E' esta a regra que nos negocios da vida seguem os homens, guiados pela luz da rasão.»

Isto é decidir muito *ex abrupto* uma questão que tem occupado grandes homens, cuja sciencia e virtudes ninguem pôde desconhecer.

Pois serão estúpidos tantos varões doutissimos e santissimos que constantemente defenderam a doutrina do *probabilismo*?

Não foi seu acerrimo propugnador, para não citar outros, um Santo Alfonso de Liguori, cujas obras foram minuciosamente examinadas pela Igreja, e louvadas com a expressa declaração de que *nada continham digno de censura?*

Não declarou a Santa Sé que era licito abraçar na pratica *qualquer opinião* de S. Liguori, até sem se examinar as rasões em que elle a funda?

Devemos, portanto, dizer que Genuese andou muito de leve no juizo que formou acerca do *probabilismo*, e mostra não comprehender bem a natureza da questão.

Com mais moderação e juizo falla Bergier no seu *Diccionario de theologia*.

Ouçamol-o:

«Tem havido entre os casuistas uma longa e viva disputa para saber que procedimento se deve ter entre duas opiniões mais ou menos provaveis, das quaes uma decide que tal cousa é permittida, e outra que é illicita.

«Sobre este ponto, como sobre muitos outros, tem-se dado em dous excessos.

«Alguns auctores sustentaram que é permittido seguir a opinião menos provavel, e entendiam por *opinião provavel* toda a opinião em favor da qual se podia citar ao menos o sentimento d'um doutor d'alguma reputação; são os que se chamam *probabilistas*.

«Facilmente se conhece que semelhante moral era absurda e condemnavel.

«Outros preteuderam que se não pôde seguramente seguir jamais qualquer opinião provavel, mas que se deve sempre abraçar uma opinião certa e incontestavel; chamam-se *anti-probabilistas*.

«E' um outro excesso que nos collocava no estado de não obrar, n'uma inclinação de circumstancias em que é necessario tomar um partido, sem contudo poder sair da duvida relativamente ao que a lei determina.

«O unico meio razoavel e o unico approved pela Igreja é que, entre duas opiniões em favor das quaes ha rasões e auctoridades, convem seguir, depois d'um serio exame, a que parece mais bem fundamentada, a fim de se não expor temerariamente ao perigo de peccar.

«Mas não devemos crer que todos os *probabilistas* caissem no mesmo excesso de relaxação: muitos teem entendido por *opinião provavel*, não aquella que tem por si um ou dous auctores, mas sim a que é apoiada em rasões e sustentada por certo numero de doutores graves e insuspeitos.

«O *probabilismo* assim entendido tem sido o sentimento commum dos casuistas de todas as escholas, de todas as ordens religiosas e de todas as nações; e é uma teima o pretender que este sentimento fosse origem de moral corrupta, um principio de falsas decisões, um meio de desculpar e auctorisar todos os peccadores.»

Diz muito bem Bergier que o *probabilismo* bem entendido tem sido a doutrina commum dos moralistas de todas as escholas, de todas as ordens religiosas e de todas as nações.

Nada ha mais certo, e os mesmos adversarios d'este systema não o contestam.

Tambem rectamente affirma que o *probabilismo* bem entendido não é causa da moral relaxada. Se assim fosse, a Igreja o condemnaria expressamente, e não seria sustentado por tantos doutores sabios e virtuosos, entre os quaes

ha um canonisado solemnemente pela Igreja.

Bergier, contudo, fazendo justiça ao systema probabilistico, não classifica com precisão os *probabilistas* e *anti-probabilistas*. Aquelles de que falla melhor se devem chamar relaxados e rigoristas.

Com effeito, nenhum probabilista de nome jámais ensinou que fosse permittido seguir uma opinião menos provavel que só tivesse por si um doutor d'alguma reputação; todos communmente exigem mais alguma cousa.

E' doutrina corrente entre elles que a opinião seja solidamente provavel, e que tenha por si um doutor pio e douto, e que alem disso não seja contra a Escripura Sagrada e commum sentir da Igreja.

N'este caso, quem duvidará abraçar tal sentença, mesmo prescindindo do systema probabilistico?

Quem recusará seguir uma opinião, por exemplo, sustentada por Santo Thomaz, Santo Antonio ou S. Boaventura, contra o seu proprio parecer?

Finalmente, a Sagrada Penitenciaria declarou que se podia seguir qualquer opinião de Santo Alfonso de Liguori, só por causa da auctoridade de tão grande doutor.

Logo nada ha de repugnante e de absurdo no systema dos probabilistas, uma vez que seja bem entendido.

Acompanhadas dos seus antecedentes e consequentes, as proposições dos probabilistas são justas, racionaveis, verdadeiras.

E' necessario apreciar com justeza o *probabilismo*, como temos feito, sem nos declararmos em seu favor; pois não é este o nosso proposito.

Mais uma vez diremos que o *probabilismo* pôde ser impugnado com argumentos; mas não pôde ser accusado de erroneo e perigoso. E é o que diz expressamente Mons. Bouvier, Bispo de Mans.

P.º JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Secção Historica

OUTRO MANUSCRIPTO

Do scisma da Igreja de Braga

(Continuado do n.º 14)

PROPOSIÇÃO

O Bispo de Coimbra é o Bispo mais antigo dos suffraganeos; consequentemente é o designado pelo Concilio: não se introduziu illegal, e temerariamente neste negocio, nem usurpou os direitos do seu collega.

E' PRATICA e uso constantemente observado em todas as contendas entre Bispos, que dependem da sua

maior, ou menor antiguidade, ser esta sempre contada desde a sua sagração, e não de qualquer outra epocha posterior. Pode quem quizer certificar-se desta asserção, vendo as assignaturas dos Bispos nos concilios provinciaes e ainda geraes; o que muito bem nota Pereira de Figueiredo, que se não deve taxar de suspeito, no seu opusculo=*Bispos Portuguezes nos Concilios Geraes*=Consequentemente o primeiro vicio do argumento, que combatemos, é laborar em um miseravel equívoco=confundir a antiguidade no Episcopado= com a antiguidade na Provincia. O Bispo de Coimbra, depois do Bispo d'Aveiro, ficou sendo o mais antigo Bispo não só na Provincia Bracharense, mas em todo o Reino; pois que na sua sagração precede a todos os Bispos Portuguezes actuaes (1).

Resta-nos examinar, se o texto do Tridentino estará em harmonia com esta pratica. Diz o Decreto=se o cabido for ommissio; *tunc* (reparem bem os leitores) *antiquior episcopus ex-suffraganeis de canonum et vicarium possit constituere*—Note-se que o *antiquior* modifica precisamente o *episcopus* e não o *ex-suffraganeis* com o qual nem se quer concorda: de sorte que o sentido natural, e obvio, é,=em tal caso o mais antigo Bispo dos suffraganeos, ou entre suffraganeos, poderá instituir=Falla portanto o Concilio, não do mais antigo suffraganeo, ou do Bispo mais antigo na Provincia, mas do suffraganeo mais antigo no Episcopado, ou na sagração.

Por outro modo: comparemos estas duas expressões= o mais antigo Bispo entre os suffraganeos da Provincia= o mais antigo suffraganeo entre os Bispos da Provincia=As ideias que estas duas expressões apresentam não são identicas: a primeira exprime o mais antigo Bispo, seja qual for a sua antiguidade na Provincia; a segunda exprime o mais antigo suffraganeo na Provincia, seja qual for a sua antiguidade no Episcopado.

Ora qual das duas será mais analogo, e que mais se ajuste com o texto do Concilio? Appellamos para todos os grammaticos e analyticos do mundo e ouviremos a todos *una voce docentes*: é a primeira, e não a segunda; pois não é esta, mas aquella, que formalmente se identifica com as palavras do texto *antiquior episcopus ex suffraganeis*=Eis aqui o outro vicio, em que labora o argumento, isto é em uma má intelligencia do Concilio=Saibam, pois, todos aquelles, que ignoram o solido fundamento que teve o Bispo de Coimbra para se ingerir

(1) D. Joaquim de Nazareth já era Bispo titular de *Leontopoli*, quando foi trasladado para Bispo de Moçambique em 13 de Maio de 1818. D. Francisco Alexandre Lobo foi nomeado Bispo de Vizeu em 3 de Maio de 1819.

nesta nomeação; saibam mais o motivo justo, que teve o Bispo de Vizeu que entendia bem a linguagem dos Padres Tridentinos, que também eram Bispos, para nunca se queixar do seu collega, como usurpador dos seus direitos; e saibam finalmente a razão porque em Roma, onde se entende bem o Concilio, pois que ali ha uma congregação especial creada para este objecto, como igualmente, se sabe a precisa data da sagração, e da residencia de todos os Bispos do mundo, nunca lembrou nem podia lembrar o argumento, que combatemos, nem oppor já o minimo obstaculo ao Decreto de confirmação Pontificia, sobre o qual diremos quatro palavras.

Decreto de Confirmação Pontificia

Encarregada pelo Santo Padre Gregorio XVI a Sagrada Congregação especialmente creada para a expellição dos Negocios Ecclesiasticos de Portugal, do exame do verdadeiro estado da Igreja Bracharense, e da nomeação feita pelo Bispo de Coimbra, como o mais antigo Bispo dos suffraganeos d'aquella Metropole; discutido e examinado este assumpto com aquella diligencia, vagar, e madureza, com que em Roma se costuma tratar objectos desta natureza, formou aquella Congregação o seu juizo, e encarregou o seu secretario João Brumelli de apresentar ao Santo Padre o resultado dos seus trabalhos, e os fundamentos de facto, e de direito, em que firmavam o seu juizo. Sua Santidade, tomando em Consideração o Relatorio, que em nome da mencionada Congregação lhe era apresentado, em audiencia de 27 de Abril de 1839 declarou a nomeação do Bispo de Coimbra=*rata*=isto é, *hem feita, regular e conforme o direito, e a corroborou com o seu Apostolico poder; Ratum habuit et confirmavit.*

Em consequencia desta Pontificia decisão lavrou-se o Decreto da confirmação, o qual foi assignado pelo referido secretario João Brumelli e rubricado com o sello da mesma Congregação. Em 27 de Junho do mesmo anno recebeu o novo Eleito uma carta do mesmo secretario, e nella incluso o mencionado Decreto. Apenas recebido julgou o Padre Pereira que o seu primeiro dever era faze-lo subir á soberana presença de S. Magestade a Rainha; com este fim dirigiu-se ao Administrador do Districto Antonio Augusto de Mello, e lhe pediu quizesse fazer subir á Real presença da mesma Augusta Senhora aquelle Diploma com a declaração que jámais exercia acto algum de jurisdicção, que por aquelle titulo lhe era conferido, sem procedencia do Regio Beneplicito.

Sabe-se agora que S. Magestade julgou denegar por emquanto áquelle documento o Regio Exequatur. Dizem que o novo

Eleito récebera com o devido acatamento e respeito a Regia Determinação e que observa fielmente a palavra que dera perante o Administrador Geral de não exercer a jurisdicção, que por aquelle attestado lhe era concedida sem que S. Magestade lhe permitisse; se assim faz, faz o que deve; este objecto olhado pelo lado politico deve impor, não só a elle, mas a todos o mais respeitoso, e inviolavel silencio. S. Magestade julgou que tinha sabios, e justos motivos para denegar o seu Regio Exequatur: isto nos deve bastar. Porem visto elle pelo lado religioso, parece que ainda nos deixa a liberdade para expor ao ouvido do Snr. G. . . . H. . . . de C. . . . as duvidas, que se nos offerecem ao seu modo de pensar nesta materia.

Procuramos pois satisfazer aos seus reparos.

(Continua.)

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Lisboa—1884.

Secção Critica

Os chamados liberaes e os frades

TEM tocado desesperado o sino nos torreões liberalescos. E o caso não é para menos, porque aos pés dos representantes do povo foi arremessada uma petição, firmada por mais de **DESESATE MIL** portuguezes, pedindo o restabelecimento das ordens religiosas. O rebate escutou-se em todo o campo, o ba-lalar do sino geringonceiro aterrou o paiz desde o Caia ao Minho, e as festas da tapada real da Ajuda tentaram abafar esse clamor, essa prece justissima que um povo fizera aos seus senhores. O povo tem fome de pão e de instrucção, e vê-se, em meio de tão medonho cataclismo, devorado por um functionalismo atheu que lhe come tudo quanto pó-le grangear com o suor do rosto, e sem lhe deixar ao menos a portaria do convento, onde se lhe dava pão, e onde lhe recebiam o filho para o educarem sem remuneração.

As associações liberaes (que graças a estas associações!) fizeram contra-representação, protestaram, vociferaram contra as ordens religiosas e deixaram o negocio entregue aos paes da Patria, que de certo attenderão mais ás representações dos inimigos que á dos amigos da Patria.

Um livro que ha pouco fóra publicado em 3.ª edição, sob o titulo de *Os Frades*, onde o grande escriptor catholico o Ex.º Dr. João de Lemos reuniu tudo quanto os liberaes tem escripto a

favor das ordens religiosas, devera ter feito calar esse pedantesco vosear das turbas liberalescas contra os frades. Não aconteceu assim, porque os *taes illustrados* não sabem ou não costumam lêr. Todavia o livro de J. de Lemos é rolha assaz bastante para calar essas trombetas da impiedade, e livro é para ser lido e relido pelos amigos não só dos frades, mas da verdade.

Mas se não valem as opiniões de todos esses liberalões no livro citadas, vamos dar aqui a opinião de mais um liberalão, republicano, pouco amigo de Roma e do Papa, apesar de ser o mestre do notavel orador Snr. Alves Mendes.

Diz, pois, Castellar:

«Tirae S. Bento do diluvio universal germanico, e vereis como o trabalho se perde, por desgraça, entre os empenhos da guerra, e como a sciencia se apaga na universal inundação de sangue. Tirae o monacato cloniense do tempo dos grandes terrores acompanhados de infinitos desesperos; tirae o primeiro dos monges de Cleuny, Gregorio VII, e vereis como o catholicismo não póde, combatido pelo braço imperial e pelo braço feudal, crear a unidade intima do occidente europeu.»

E acrescenta mais adiante o grande tribuno hespanhol:

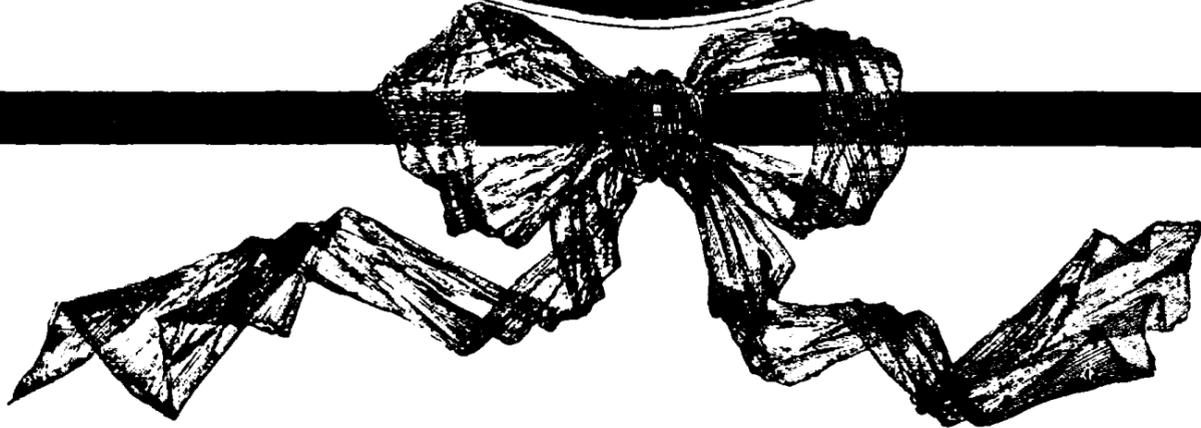
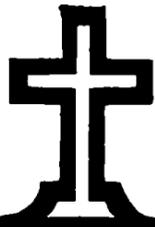
«A idéa democratica do Evangelho renasce ao sopro das idéas franciscanas em toda a sua pristina pureza.»

Muito podiamos traduzir para aqui a favor das ordens religiosas, do que tem escripto Castellar, mas, temos de chamar uma auctoridade de casa, queremos que se escute mais uma vez a voz de um tribuno liberal portuguez, hoje ministro da corôa. Vae depor a favor das ordens religiosas o Snr. Manuel Pinheiro Chagas, ministro da marinha.

Escutem-o todos os liberalões, todos os membros das associações liberaes, todos os chafariqueiros de Portugal:

«... depois da nossa marinha se occupar principalmente em emprezas de guerra e de commercio, ainda uma nova phalange portugueza vinha heroicamente prestar os seus serviços á civilisação, ampliar os dominios da sciencia, explorar, na Africa, esse sertão, para onde se voltam as atenções da Europa, e percorrer as solidões trilhadas n'este seculo por Livingstone, como se esses orgulhosos inglezes, tão faceis em desdenhar glorias alheias, fossem condemnados a encontrar sempre diante de si—no mar o sulco das quilhas dos nossos navios, na terra as pégadas das sandalias dos nossos missionarios. Proferi a palavra. Essa heroica phalange, a que acima alludi, era a phalange dos missionarios, e acima de todos, e adiante de todos, a dos missionarios jesuitas.»

Vê-se que o Snr. Pinheiro Chagas é de opinião que os missionarios portu-



O CARDEAL ANTONELLI

guezes, e especialmente os jesuitas, PRESTARAM OS SEUS SERVIÇOS Á CIVILIZAÇÃO E Á SCIENCIA. Como é pois, que os liberaes d'hoje, do mesmo tempo que o Snr. Pinheiro Chagas, os apontam como inimigos da civilização e da sciencia?

E mais, o Snr. Pinheiro Chagas, não gosta dos jesuitas, e confessa que vê n'elles, na sua influencia, a decadencia dos povos catholicos.

«Mas, acrescenta elle n'um momento lucido, quando sigo os passos dos seus missionarios (os jesuitas) na America, na Africa e na Asia, quando os vejo, heroes a um tempo da sciencia e da fé, martyres da civilização e do christianismo, atravessar invios desertos, affrontar mil vezes a morte, não só para levar a todos os cantos do mundo a luz do Evangelho, mas tambem para ampliar o campo dos conhecimentos humanos, quando vejo o Padre Goes atravessar toda a Asia Central, e ir por terras da India a Pekim, viagem que só tornou a ser feita pela primeira vez no seculo actual por dois tenentes russos, quando vejo o Padre Antonio de Andrade penetrar no Thibet, expondo-se a mil perigos, e fazer conhecida da Europa essa região mysteriosa, quando vejo S. Francisco Xavier dar ao Oriente o exemplo de todas as virtudes christãs, quando vejo tantos missionarios jesuitas introduzir-se no Japão, revelal-o á Europa scientifica, ao passo que o tiveram quasi conquistado para o gremio do christianismo, quando vejo outros estabelecer-se na Abyssinia, fundar alli monumentos, que ainda hoje, diz o Snr. Guilherme Lejean, attestam o seu poder e a sua actividade, e que parecem construídos com cimento romano, quando os vejo penetrar no mais denso das florestas do Brazil, amansar os indios mais selvagens, aldeal-os e civilisal-os, quando vejo que não ha quasi nem linguas orientaes, nem linguas dos indigenas brasileiros, cuja primeira grammatica e cujo primeiro dictionario conhecido na Europa não sejam devidos a jesuitas portuguezes, quando vejo nas suas cartas annuaes, relatorios que elles escreviam dando conta das suas missões, o quanto mostravam ter estudado esmeradamente e conhecer a fundo as regiões que percorriam, o meu pensamento vacilla, abalam-se as minhas convicções. . . . »

Estamos a ver que o Snr. Pinheiro Chagas não tarda a gostar de jesuitas, em vista de tantos serviços á civilização e á sciencia.

Folheemos o opusculo do Snr. Pinheiro Chagas, e copiemos, para nossos leitores lerem, mais o seguinte:

«Na Abyssinia os jesuitas adquiriram influencia que nunca mais outros europeus lograram ter, para isso lidaram muito, consagraram a essas missões largos annos da sua vida, não fizeram co-

mo os modernos viajantes, anciosos de vir receber os applausos da Real Sociedade Geographica de Londres (1); iam para lá residir, aprendiam a lingua abyssinia, traduziam n'esse idioma as obras que julgavam proprias para actuar no espirito dos seus catechumenos; como tinham todas as aptidões — que assim o exigia a idéa fundamental do seu instituto: dirigir e guiar todos os conhecimentos humanos — como eram medicos, astrónomos e architectos, — e se tornavam portanto uteis e indispensaveis, dentro em pouco tempo não havia difficuldades para elles, e é por isso que já nos fins do seculo XVI tinham conhecimento d'esses lagos, cuja descoberta foi considerada como uma das glorias de Livingstone, e que figuram nos mappas portuguezes d'esse tempo, etc. etc.»

O que ahí fica foi dito pelo Snr. Pinheiro Chagas n'uma conferencia feita na Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 1877.

Porque não gostará o Snr. Pinheiro Chagas, de frades, de jesuitas? E porque terão tão mau gosto todos os liberaes? E' porque de certo não são liberaes, nem amigos da sciencia, da civilização e da patria; ou então porque são ignorantes, e sentem-se arrefecer á sombra que lhe faz o frade, o jesuita. A nós quer-nos parecer que é por esta razão que os liberaes não gostam dos frades, mas o Snr. Oliveira Martins, no seu *Portugal Contemporaneo*, dá-nos uma outra razão. «Como poderia o frade, diz o Snr. Oliveira Martins, crendo na ordem divina de um mundo formado tal-qual por uma vontade absoluta, admitir a doutrina que punha na razão do homem a origem de todas as cousas? Iria adorar, em vez da Trindade, o vosso Architecto-supremo, ó maçons?»

Note-se que o Snr. Oliveira Martins, não pode ser acimado de reaccionario, jesuita, miguelista, nomes todos estes que os inimigos dos frades costumam dar aos catholicos. O Snr. Oliveira Martins é tambem revolucionario, e da ideia nova, portanto é insuspeito.

O que faz os liberaes não quererem frades, é, quem tal diria? pertencerem ás sociedades secretas, é serem, como diz o Snr. Oliveira Martins, maçons.

Está decifrado o enigma.

ELIAS DE SAMPAIO.

Secção Litteraria

A' BEIRA-MAR

(FRAGMENTO)

Era uma estiva tarde: o azul mais puro
No immenso firmamento se ostentava;
E já do sol o disco afogueado
Nas ondas escumantes se engolfava.

Fulva zona do limpido horizonte
Occidental extenso tracto cinge;
E de doirada cor as crespas vagas
A reflexão da solar face tinge.

Alterosa galé, qual negro ponto,
Arfava ao longe em bonafoso oceano:
De branda aragem placido respiro
Ledo brincava em desferido panno.

Qual o manto que, em noite procellosa,
Os astros cobre e a ameigadora lua,
E a terra immerge em trevas melancolicas,
Escura, triste assim era a cor sua.

Será, de ricas mércees carregado,
Baixel que espera mais propicio vento,
Ou nau de guerra que, pujante, espalha
Mortes e horror por bronzeas bocas cento?..

Passa breve o crepusculo: rodeado
Da noite o astro do lucido cortejo,
Nos ceos do oriente se levanta bello,
Saudando ao apego o clarão seu c'um beijo.

Quem nunca á beira-mar viu linda noite,
Vindo-lhe aos pés as vagas murmurar;
Quem nunca viu a tremula ardentia
Salsos plainos infínitos argentar;

Quem nunca a fresca viração do estio
De arca em fina alfombra alli gozou;
Quem, de encosto a uma rocha, embevecido,
Dos astros o fulgor não contemplou,

Prazer arroubador, terna delicia,
Que é dado ao homem disfructar na terra,
Não ha provado, nem fruido instantes,
Em que o viver um paraíso encerra.

Do Eterno intima voz doce nos falla,
E de ineffavel dita o peito ancã;
Pelas do empyreo regiões sublimes
Extasiado o espirito vagueia.

Quem tam impio então fóra que negasse
Do supremo Creator clara existencia?
Quem se atrevera a blasphemar, protervo,
Contra do Omnipotente a providencia?..

(1) E da de Lisboa, como fazem os exploradores portuguezes.

Quem pôde contra Ti, meu Deus, a fronte
Levantar insolente?!
Ninguém, ninguém, sem que o perverso puna
Teu braço omnipotente!...

A. MOREIRA BELLO.

Secção Illustrada

● Cardeal Antonelli

COMPLETAM-SE amanhã 38 annos que Pio IX, o Grande, conferiu o chapéu cardinalicio ao notavel Antonelli, ao que havia ser o politico mais extraordinariamente grande do seculo actual.

Giacomo Antonelli nasceu em abril de 1806, na pequena cidade dos Estados Pontificios, denominada Sonnino. Seu pae possuía uma fortuna regular, e era descendente de antiga e nobre familia, que doára à Italia desde o seculo xv uma pleiade de pintores, architectos e chronicistas de mais celebridade.

Principiou seus estudos de Humanidades e Philosophia no Seminario Romano, cursou mais tarde Jurisprudencia na Universidade, recebendo o grau de doutor em Direito civil e canonico. Recebeu ordens sacras no pontificado de Gregorio XVI, que o nomeou Prelado da justiça e depois governador de varias provincias e ministro da fazenda, em 1845.

O Grande Pio IX fel-o, como já dissemos, cardeal da Santa Igreja em 16 de junho de 1846, nomeando-o presidente da secção de Fazenda do Conselho de Estado, e em 1848, quando a Revolução pedia em altos brados o destroamento do Papa, cuja eleição o povo recebera com jubiloso contentamento, e a proclamação da Republica romana, foi nomeado primeiro secretario de Estado, depositando-se desde logo n'elle toda a confiança. Foi o Cardeal Antonelli quem aconselhou a sahida do Soberano Pontífice para Gaeta, em novembro d'este anno, e foi elle que dirigiu a famosa circular collectiva aos governos de Hespanha, França, Austria e Napoles, circular que teve o feliz resultado de alcançar a intervenção armada das potencias catholicas, e o restabelecimento de Pio IX no throno dos Pontífices Romanos.

Bem conhecidos são os factos importantes da vida d'este notavel estadista, como ministro do Papa-Rei. Foi elle quem tivera a feliz inspiração da celebre Encyclica *Quanta cura* e do Syllabus, que a acompanhava, documentos que fizeram tremor em seus froixos alicerces a Revolução e a impiedade; foram por elle redigidas as numerosissimas notas diplomaticas, e protestos energicos por occasião da sacrilega occupação de Roma pelos soldados revolucionarios, sob as ban-

deiras da impiedade, e ao mando de Victor Manoel. Resistiu Antonelli aos afagos fleticios dos inimigos da Igreja e às ameaças, encobertas umas e desmascaradas outras, para poder conservar os direitos e a dignidade da Santa Sé.

Os inimigos da Igreja e alguns mesmo que se dizem d'Elle amigos censuravam no Cardeal Secretario de Pio IX a sua energia, a que elles chamavam *intransigência*. O *Non possumus*, foi apontado por muitos, que não comprehendiam taes palarvas, como o mobil das difficuldades que tem rodeado a Santa Sé, mas uma tal affirmativa não passa de um erro assás manifesto. O Papa, o seu primeiro Secretario, não podiam, não podem, não poderão em tempo nenhum transigir com os desvarios da Revolução, d'essa Revolução armada, que, mascarada com o nome de liberalismo, visa ao atropellamento dos mais sagrados direitos do Poder temporal do Pontificado Romano; não poderão mesmamente transigir com doutrinas contrarias à fé e ao dogma catholico, porque o Papa é depositario d'essa mesma fé, é o chefe, o representante visível de Jesus Christo sobre a terra, e Jesus Christo não transige com Satanaz.

O *Non possumus*, lemma adoptado pelo Cardeal Antonelli, é a resposta firme, decidida, franca, cheia de nobreza e dignidade, que o catholicismo dá ao erro, aos inimigos de Deus e da sociedade.

O *Progresso Catholico* dando o retrato do primeiro ministro de Pio IX, allirma mais uma vez as suas creanças catholicas, a sua adhesão ao Syllabus e a todas as decisões da Santa Igreja, e presta o devido preito, preito de sincera homenagem à memoria do homem que mais odiado fora pela politica traçoira dos governos europeus, e que mais soubera elevar-se acima das baixezas da terra, ao ponto culminante onde sobem as mais extraordinarias intelligencias, ponto a que só podem chegar os que se empenham por uma causa grande, pela maior das causas, como aquella a que Antonelli dedicou a sua rara e vasta aptidão.

R.

Secção Bibliographica

● **Matrimonio christão.**—A casa editora Clavel & C.^ª, do Porto, publicou, traduzido da oitava edição franceza, o magnifico livro que, sob o nome de *O Matrimonio christão* escrevera o sabio bispo de Orleans, Monsenhor Dupanloup. A versão é do Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães, e o seu preço é de 500 réis.

Lemos este livro no original ha muito já, mas ainda conservamos reminiscencias da sua leitura. É um bom livro. Dizendo isto, notando o nome do auctor

e do traductor achamo-nos dispensados de mais, e por tanto concluímos dando o extracto do indice. Eil-o:

Proemio do traductor.—Capitulo I—A Familia.—II—A benção nupcial. III—O Pae e a Mãe.—IV—A Mãe.—V—Algunhas reflexões sobre os direitos e deveres da auctoridade paterna e materna.—VI—Direitos e deveres da auctoridade paterna e materna.—VII—Dever que tem os paes e as mães de escolher os mestres de seus filhos.—VIII—Da ultima e da mais importante educação da mocidade, e da participação que n'ella devem ter os paes.—IX—Sequencia do mesmo assumpto.—X—Auctoridade paterna e materna.—XI—Sequencia do mesmo assumpto.—XII—Respeito Filial.

Aos editores mil agradecimentos.

● **Pereira Caldas—Duas palavras sobre o Dictionario Bibliographico Portuguez.**—Em formosa edição de luxo, feita na typographia Camões, de Braga, publicou ha dias o talentoso professor do Lyceu de Braga, o Ex.^{mo} Snr. Dr. Pereira Caldas, um estudo importantissimo sobre o tomo x, 3.º do Supplemento, do Dictionario Bibliographico, da lavra do Snr. Brito Aranha, que tomou a seu cargo continuar a obra que por concluir deixara o fallecido Innocencio Francisco da Silva.

O illustre vimaranense, honra e orgulho da sua terra e do paiz, principia por passar os olhos pelo volume em questão, abrindo-o ao acaso, como S. Ex.^ª confessa, e em todas as paginas que abre encontra faltas, inexactidões e omissões, que o seu genio estudioso lhe não consente deixar passar sem correctivo. É o que faz no magnifico trabalho, nas 45 paginas que lemos com a vontade com que costumamos lêr tudo que brota das grandes intelligencias, tudo que nos faz admirar os grandes genios. O Dr. Pereira Caldas é uma das mais robustas intelligencias da nossa terra e um dos genios que mais se eleva acima dos mais festejados ornamentos das lettras patrias.

E, cousa admiravel! apesar de Pereira Caldas ser tudo isto que deixamos dito, e que não receiamos nos contradigam, não se vê o seu nome tão pomposamente aureolado como o de muitos escriptores, que o sabio mathematico não empregaria nem para lhe tirarem o pó dos livros!

Pereira Caldas, entregue às suas occupações e aos seus livros, apparece pouco nos arruidos das festas, mesmo das festas litterarias; mas quando lhe cabe nas mãos um livro, ainda que a portada seja ornada com o nome mais festejado na republica das lettras, elle tem sempre que lhe acrescentar, sempre novas emendas a fazer. Póde dizer-se

que a mór parte dos trabalhos dos nossos escriptores, no campo da litteratura classica, não deveram sahir á luz publica sem que as provas fossem revistas pelo sabio nascido nas formosissimas margens de Vizella, a quem agradecemos a offerta do precioso trabalho de que nos occupamos.

Tres obras anti-maçonicas.

—Na occasião em que a Santa Egreja, pela bocca do nosso Santo Padre o Papa Leão XIII, condemnou mais uma vez a seita maçónica, devem todos os catholicos tornar patentes os embustes da maldita seita, e os meios de que se serve para enganar os incautos. Por isso nós vamos recommendar a nossos leitores 3 obras verdadeiramente notaveis, que devem andar nas mãos de todos os bons catholicos para estarem bem prevenidos, para não cahirem na rede que por todos os lados lhe lançam os inimigos de Deus e da sociedade. São ellas: *A Maçonaria desmascarada*, a *Maçonaria e os jesuitas*, e a *Notavel Pastoral sobre a maçonaria*. Veja-se o annuncio na ultima pagina.

A. DOS GUIMARÃES.

Retrospecto da quinzena

For imponentissimo o encerramento do Mez de Maria n'esta cidade. E assim devera ser, porque o amor das damas vimaranenses, para com a Santissima Virgem, jámais se desmentira, e n'esta occasião, quando se memorava o primeiro centenario de tão pia, tão sympathica, tão formosa devoção, não se haviam ellas esquecer da Mãe que teem no céo. E não se esqueceram; mil parabens.

O templo dos terceiros franciscanos onde tivera lugar a festividade estava rica e elegantemente adornado, e o altar da Virgem mais parecia um bouquet constellado de soes; tal era a profusão de luzes e flores sobre que se elevava a formosissima Imagem vinda de Roma.

A missa, vespers e *Te-Deum*, executada sob a direcção do nosso amigo o R.^{mo} Padre Eugénio nada deixaram a desejar e o sermão foi feito pelo R.^{mo} Padre Carlos Rademacker, o que quer dizer que a devoção do Mez de Maria, na egreja dos terceiros franciscanos, foi fechada com chave de ouro, pelo que damos os parabens ao R.^{mo} Padre Antonio Teixeira, dignissimo Commissario da Veneravel Ordem 3.^a, a quem Guimarães deve o prazer de escutar mais uma vez o sabio jesuita.

Na egreja dos terceiros dominicos fez-se tambem durante todo o mez a tocante e sympathica devoção do Mez de Maria, havendo tambem no dia 31 o

encerramento dos santos exercicios, a que não assistimos, mas que nos dizem ser feitos com o esplendor devido, graças ao fervor e devoção para com a Santissima Virgem do nosso amigo o R.^{mo} Padre Antonio Abreu.

Em quasi todas as terras do paiz foi muito festejado o mez consagrado á Virgem Santissima, o que prova, que... o beaterio está a desaparecer.

As festas com que Braga solemnizou o primeiro centenario do templo do Bom Jesus do Monte reuniram a um tempo a magestade das pompas religiosas e a belleza das festividades populares. Foi um desdobrar de galas, um destender de quadros alegres e festivos, como jámais vira a formosa capital do Minho, a cidade primacial, a terra que guarda orgulhosa as tradições christãs de seculos de mais fé, de mais crença, porque só ali se sabe entrelaçar as festas religiosas, as glorias do catholicismo, com os arruidos das diversões populares, com as alegres expansões de um povo catholico e folgazão por natureza.

A procissão, que sahiu da Sé na tarde do dia 30, foi esplendida, bella, magnifica. Eis como a descreve um correspondente de Braga para um jornal portuense:

«Pouco depois das 6 horas da tarde sahiu a procissão. Nunca vi nada mais brilhante, nem mais imponente.

Abria o prestito um esquadrão de cavalleria; seguiam depois com a sua respectiva bandeira e com os seus vestuarios de grande uniforme os alumnos do Collegio Academico, e após estes igualmente com as suas respectivas bandeiras os collegiaes de S. Luiz e do Espirito Santo. Seguiam depois em vistoso carro triumphal, a quatro soberbas parelhas ricamente ajazadas, as figuras da Fé e da Egreja Catholica. Aos pés d'esta dous anjos conduzindo um o Evangelho e o outro as chaves da Egreja. Em seguida ao carro um côro de virgens ricamente vestidas cantando o hymno *Te-Deum laudamus*.

Viam-se depois diversas confrarias e muitos anjos primorosamente adornados.

Um côro de dezeseis martyres cantando — «Christum Regem venite adoremus», precedia o riquissimo andor em que ia a veneranda imagem do Bom Jesus do Monte. Conduziam as lanternas os snrs. visconde de Carcavellos, dr. Antonio Brandão, D. Luiz de Azevedo de Carvalho, Vasco Jocomé, e Martinho Barata. Precedia o pallio um côro de dezeseis cherubins cantando — «Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus Sabaoth».

Debaixo do pallio era o santo lenho conduzido pelo snr. deão da Sé Primaz.»

As illuminações tanto na cidade como no Bom Jesus foram deslumbrantes. Os

visitantes enchiam as ruas, os hotéis, as estradas. Foi uma festa digna em tudo do que a motivava.

Glorja aos nossos irmãos bracarenses!

Uma segunda nota acaba de ser dirigida pela Santa Sé aos Nuncios apostolicos, com relação aos bens da Propaganda. N'esta nota declara Sua Santidade terminantemente que é impossivel qualquer transacção com o governo de Humberto, e com ella ficam terminadas as esperanças que abrigavam ainda alguns governos europeus de uma conciliação, totalmente impossivel.

A grande catastrophe, porém, está prestes a realizar-se, e realisada ella, e se, como se espera, voltarem ao poder os radicaes, impossivel se torna a permanencia do Papa em Roma. Sobre este assumpto tem publicado varios artigos os mais conceituados periodicos estrangeiros, e um d'elles, o *Grozbaten*, de Berlin, que recebe o santo e a senha do Sr. de Bismarck, em um artigo sob a epigraphé—*Observações sobre a questão romana*, diz, que a sahida do Papa de Roma faria nascer as maiores difficuldades, mas que a sua permanencia alli, juntamente com a de Humberto trará tambem graves inconvenientes e perigos.

A grande falta dos revolucionarios italianos, acrescenta a mesma folha, foi fazer de Roma a sua capital, porque Roma será sempre a cidade do Papa, a capital do maior Estado do mundo, pois que o Papa é tambem o maior Soberano de entre todos os soberanos do mundo.

O Papa, diz o artigo ao concluir, tem de residir e reinar em Roma, sem a sombra de outro monarcha.

Estas palavras ditas pelo periodico do Principe de Bismarck, podem ser tidas como ditas pelo notavel Chancellor.

Escutemos ainda o que diz a *Gazeta de Hungria*, órgão officioso do governo de Pesth: A situação do Papa em Roma é das mais intoleraveis, e os governos da Europa devem trabalhar quanto possam para tirar o Chefe da christandade, de uma situação tão critica.

—A voz do Papa é sempre escutada com respeitosa attenção, e sempre d'ella algum bem provem aos povos. Os fructos da última Encyclica, ácerca da maçonaria, vão sendo colhidos por todo o mundo catholico.

Na Hungria foi ella recebida com tanto entusiasmo, que chegou a organizar-se uma associação em Buda-Pesth, composta de estudantes da Universidade e do Instituto, que juraram ao inscrever-se, não pertencer em tempo algum a sociedades secretas, seja qual for a forma sob que se apresentem.

—Nos Estados-Unidos projecta-se tambem a formação de uma sociedade anti-maçonica, tendo de realizar-se uma gran-

de reunião no mez de junho, em Chicago, para esse fim. O que mais importancia dá a este facto é achar-se á testa d'este movimento milhõs cavalheiros protestantes!

Que esplendida homenagem prestada á Encyclica *Humanum genus!*

Um nosso amigo e muito digno sacerdote, Padre Francisco Xavier da Silva Carneiro, empenhou-se, não ha muito, para obter o convento das Dominicãs, d'esta cidade, para n'elle estabelecer officinas e escolas segundo o plano do grande apostolo Don Bosco. Todos os trabalhos foram infructiferos, sem que, na occasião, soubessemos o porquê, de uma tal teimosia por parte do governo. Hoje sabemos a razão da recusa, e quer-nos parecer que o nosso amigo não chegará a conseguir o convento.

Ha tempos foi concedido pela camara dos Pares á camara do Funchal, o convento de S. Francisco para n'elle se estabelecer um theatro!!

Peça o convento para theatros, Snr. Padre Carneiro, ou para outra cousa peor, e verá como consegue sem grande trabalho.

Casas de caridade são os conventos, e elles, os do progresso, não os querem, como podem querer outras?

O *Diario de Noticias*, de Lisboa, é um diabrete pequeno umas vezes e outras vezes grande, mas sempre com aquelle espirito satânico, prompto a mofar e a levantar a sua peta, todas as vezes que pode apresentar um *escandalo* clerical, uma noticia pouco favoravel aos frades, ás freiras, ás Irmãs de Caridade, etc., etc. Um diabrete pequeno e grande consoante as occasiões.

Pois este nosso amigallote lisbonense no dia 6 de maio dava-nos a noticia do fallecimento da Abbadessa do convento de Santa Anna, soror Maria da Conceição, CUJAS VIRTUDES, diz elle, ti-

SHAM GRANDE EXPLENDOR N'AQUELLA MANSÃO DE PAZ E PIEDADE.

Seja mais uma testemunha a favor dos conventos, e testemunha que confessa serem os conventos CASAS DE PAZ E PIEDADE, onde se formam almas cujas virtudes dão grande esplendor ás mesmas casas.

Muito obrigado; fica registrado.

Leram nossos leitores a representação que o digno Bispo de S. Paulo, no Brazil, dirigiu ao Imperador contra a desamortisação dos bens das Ordens Religiosas, e que foi publicada pouco ha n'esta Revista. Agora vamos dar-lhe parte de outra representação dirigida ao Imperador pelo R.ºº Conego Antonio Gomes de Sequeira, Vigario de Cunha, e o nosso conhecido collega o Ex.ºº Snr. Antonio Xavier Freire.

Leia-se, para que se admire o contraste que existe entre o Brazil e Portugal:

«Senhor. — O Conego Antonio Gomes de Sequeira, Vigario d'esta parochia de Cunha, provincia de S. Paulo, e Antonio Xavier Freire, advogado, Cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa, ex-deputado provincial, vereador da camara municipal e redactor do «Conservador» organ tambem catholico; natural e residente na cidade já declarada, ora chegam-se, por meio d'esta representação em presença de Vossa Magestade Imperial para pedirem a revogação do acto do Governo de Vossa Magestade Imperial em relação a desamortisação dos bens das Ordens Religiosas, facto que produziu no seo da Igreja brasileira verdadeiro espanto e abalo.

Senhor, os relevantes serviços prestados pelas Ordens Religiosas á instrucção publica do paiz e a essas classes pobres, provam demais que a Igreja não quer a ignorancia, pois a historia nos confirma que ella facilita ao espirito e ao corpo meios necessarios para o seu completo desenvolvimento, já propor-

cionando meios de subsistencia aos desvalidos, já mandando educar aos desfavorecidos da fortuna.

Apontar um por um os beneficios prestados pelas Ordens Religiosas ao nosso Imperio, que tem por emblema a Cruz e por Padroeira a Immaculada Conceição, seria tentar um impossivel pelo seu grande numero.

Quantos estadistas, quantos juriconsultos pelos seus talentos não tem elevado o Brazil, causando admiração aos paizes civilisados, cidadãos que nada seriam se não fosse a protecção de taes Ordens?

E' incalculavel o numero das pessoas que estudam á custa das Ordens Religiosas, concurso que lhes é proporcionado desde o estudo de preparatorios até receberem um diploma scientificco.

O nosso illustrado collega *O Comercio do Vez* dá-nos a seguinte noticia que muito folgamos em registrar:

«O nosso respeitavel patricio, sr. José Bernardino da Costa Lobo Bandeira, irmão e herdeiro do fallecido sr. conde de Porto Covo da Bandeira, fez presente á imagem de N. S. das Dores que se venera na igreja da freguezia de S. Paio, d'esta villa, d'um riquissimo manto de setim de Macau, azul, primorosamente bordado a fio de prata.

Acções d'esta ordem patenteiam-se simplesmente ao publico, dispensam todo o elogio, que irrompe d'ellas mesmas, fazendo conceber desde logo a ideia de que mais ha a esperar de quem as pratica.»

Ao Snr. Lobo Bandeira os nossos embozas, porque, com a ddiva á Virgem das Dores, prova-nos que em peitos portuguezes se não apagou ainda o facho de fé, esse facho luminosissimo que fez grande Portugal, bem maior que o quer fazer esse outro facho que alumia as barricadas e os escombros de uma nação.

J. DE FREITAS.

ANUNCIOS

TRES OBRAS ANTI-MAÇONICAS

NOTAVEL PASTORAL

SOBRE A

MAÇONARIA

POR

MGR. BESSON, BISPO DE NIMES

TRADUCCÃO DO

Padre Senna Freitas

1 volume de 90 pag.—50 réis

A MAÇONARIA E OS JESUITAS

INSTRUCÇÃO PASTORAL

DO

BISPO D'OLINDA

2.ª edição vimaranense com prologo e notas

1 volume. 500 réis

Extracto d'um artigo da «Nação» acerca d'esta obra

E' uma pastoral como não conhecemos ou-

tra na lingua de Camões; uma pastoral que é um magnifico tratado anti-maçonico, que enche um grosso volume digno de figurar na mais modesta, como na mais bem sortida livraria; uma pastoral escripta com fogo, que não amortece, desde a primeira até á última pagina.

E' uma pastoral erudita, eloquente, doutrinal, instructiva, por conseguinte é accomodadissima, e grandemente opportuna para os tempos que correm.

E', não menos, um livro de controversia religiosa, escripto com elevação de vistas,

Os assignantes do *Progresso Catholico* que requisitarem as tres obras, ser-lhe-hão enviadas mediante a quantia de 650 réis. Pedidos, com a importancia, a Teixeira de Freitas — Guimarães.

em linguagem vernacula, escolhida, sem ser affectada; energico, solido e verdadeiramente triumphante.

A MAÇONARIA DESMASCARADA

OU
ANALYSE

A CIRCULAR DO CAP. P. FEDERAÇÃO

De 22 de Setembro de 1871

E A

PRANCH. DO IR. GOMES FREIRE AO IR. OTTO

ASSIM COMO A D'ESTE CAV. R. VEN.

AO

REDACTOR DO "ECHO DE ROMA"

Datada de Coimbra aos 16 de Dezembro
do mesmo anno

Precedida d'uma carta-introdução e annotada
por um redactor

DO

ECHO DE ROMA

Indice das materias
de que trata este livro

Carta ao Editor, servindo de Introducção.—I Parabens e animação.—Dá-se a licença podida.—II Historia dos artigos do Echo de Roma contra a maçonaria.—III *Prancha*-resposta que a nada responde.—Mentiras e calumnias.—Mações ás bulhas e revelação importante.—Moderados e exaltados, segundo Lacordaire.—IV Cegueira maçónica e difficuldade d'uma sincera conversação.—V Prova-se que a maçonaria é inimiga da Religião.—VI Guerra aberta nos livros, jornaes, discursos, etc.—Tartufos maçónicos para enganar os profanos.—VII Refutam-se as impiedades d'alguns mações brazileiros.—O mysterio da Graça.—Bella parábola.—Impiedade franca.—Jornalismo liberasta portuguez.—VIII Prova-se que a maçonaria é opposta á razão e á consciencia.—Segredo maçónico provado 1.º por testemunho de mações importantes, 2.º pelos rituaes da seita, 3.º pelas leis e sanções da maçonaria.—IX A maçonaria é opposta ás leis divinas e humanas.—Codigo penal.—Patriotismo maçónico.—Conspiração permanente.—Uma carta do sr. duque de Saldanha.—Anedocta curiosa.—X Sociedades secretas no tribunal da historia antiga e moderna, ecclesiastica e profana.—XI No tribunal da Revelação e da Igreja.—Condennações fulminadas por varios Pontifices.—XII Responde-se a um sophisma.—Pretexto de beneficencia maçónica e uma pagina d' historia insuspeita.—Dois casos.—Conclusão.

Critica Historico-Catholica de um Documento Maçonico (*Resposta a uma circular*).—1.º A maçonaria e a febre que mina a sociedade.—Fazer o mal e a caranunha.—2.º Mações *progressistas-reaccionarios*.—3.º Tres amigos da maçonaria,—chamarizes das lojas.—4.º «Gloria e honra» conduzindo ao Ergo erravimus.—5.º A maçonaria «cadeia immanes».—Jerusalem... symboles do templo.—6.º Companheiros traidores.—Mysticismo maçónico e blasphemo.—7.º Ambição e cubicia; réo confesso e pena de talião.—8.º Fanatismo medroso!—Porque se escondem os mações? Comparam-se aos primeiros christãos!—9.º Tolerancia;—specimen d'hypocrisia ou d'ignorancia.—10.º O ambicioso e o fanatico.—Muralha de diamante.—11.º A communa; S. Miguel da Ala; penna de morte, etc.—12.º A calunnia do «punhal do jesuita».—Uma ane-

odota authentica em que figura Gabriel de Moura Coutinho.—Razões principaes porque são guerreados os jesuitas.—13.º Um plagiato aos frades.—Embofia e contradicção.—14.º Explicação verdadeira dos symbolos maçónicos.—15.º Zelo... recommenda-se aos catholicos tibios.—16.º Dogmas: «Deos, patria e liberdade» segundo os mações.

A Maçonaria Desmascarada (ou: «O que é a Maçonaria»—resposta a uma *Prancha*).—*Primeira parte*—I Ignorancia maçónica do Ir.: Otto e do tres bachareis, etc.—II *Labia* maçónica;—argumento ad odium: Thamar e Raab, etc., invocados fóra do proposito.—Crimes proprios da maçonaria;—instinctos feroces.—Interpretações erroneas da Biblia.—Ha communismos e communismo.—Christo fundador de qual?—Escrupulos da maçonaria, que faz *desapparecer* o Ir.: Costa Passos.—III Confissões insuspeitas dos Ir.: Rebold, Bertrand, etc., sobre a origem maçónica de varias revoluções desde a de 1793.—Invocam-se os Ir.: Rousseau e Bechatoin.—IV A maçonaria joven-velha,—contradicção flagrante.—Falsas causas.—A quem se deve attribuir o estado lastimoso da sociedade.—Portugal em 1834 e em 1872;—dívida publica;—criminalidade.—Parlaticos maçónicos da antiguidade que se attribue.—*Segunda parte*.—V Os mações por um manejo indisereto e criminoso procuram gosar as vantagens de moderados e de reaccionarios.—VI Levantase uma ponta do véo ensanguentada, e cita-se Luiz Blanc (Ir.) sobre a condemnação á morte, decretada pela maçonaria, suas «comedias de igualdade» e habil discrição com certos principes.—Philippe-Egalidade, o regicida.—Trechos do Correio da Tarde e da Palavra invocando o testemunho do Jornal do Commercio, etc., sobre a influencia politica da maçonaria (em nota).—O Ingenbunk (t) que fez a maçonaria na Alemanha, na Italia.—Relações com a *Internacional* na Belgica.—VII Como evangelisa a «verdade» a maçonaria, e quer a «regeneração».—Deificação do homem.—Mais confissões de Louis Blanc e Caussidière.—VIII Accusação de crueldade;—um reptil;—volta-se o feitiço contra o feitiçeiro.—Faz-se inteira justiça á maçonaria.—IX O chamarriz do interesse.—Ódio da maçonaria ao clero catholico.—*Tercera parte*.—A maçonaria não «repelle os indignos».—Prova-se.—X Refuta-se completamente a calunnia de Pio IX ter sido mação.—A maçonaria na Suécia, cruel até á ferocidade quando se reconhece forte; tolerante para o crime e a devassidão.—XI Sustenta-se contra as infundadas negações do Ir.: Otto a verdadeira interpretação maçónica das «allegorias do Grande Architecto, do Sol personificado», etc., citando a Bibliotheca Maçonica e o doutor magno, o Ir.: Ragon.—Ophytos, gnosticos, caballistas, etc., (em nota, p. 190).—Erros crassos (notas a p. 191 e 192).—Prova-se que a maçonaria é instrumento do juzeu.—XII Laconismo bem notavel sobre o espirito raptante da maçonaria.—XIII A *Saint-Barthelemy* e as causas que a produziram.—Horribes crueldades dos protestantes na tomada de Niort, em Saint-Gilles, em Nimes (Mignelada), no Bearn, em Orthez, etc.—*Quem adere* modernos em Madrid, Naples e Paris.—*Quarta parte*.—XIV Os mações excluem-se a si mesmos do Christianismo.—Testemunho do Monde Maçonique (nota).—Heresias, impiedade e blasphemias maçónicas.—Quem é o Papa.—Respeito (negativo) da maçonaria ás leis civis.—Falta de patriotismo.—Fusão da maçonaria irlandeza com a do Grande Oriente Lusitano (nota).—Questão social e justificados temores dos mações indinheirados.—Utilidade dos gremios de operarios no antigo regimen.—O que fez d'elles a maçonaria.—Augmento de impostos.—Tolerancia hypocrita e indiferença hostil dos mações.—Documento a proposito (em nota).—Presumpção

e agua benta...—Inquisidores.—Calumnias contra os missionarios.—Suffragios e carolicos maçónicos!—Ritual para as exequias do Ir.: Leopoldo.—Prostrações nas synagogas. Por que não vão os mações para a África espalhar a luz.—XV A caridade profanada: caricatura hedionda.—Paz que não é paz, e desordem abençoada.—XVI Interpretação... curiosa de J. N. R. J.—Admoestação de Knox.—XVII Suspeitos.—O Ir.: Otto juiz e parte.—Certos calhans.—Gravissima accusação á maçonaria feita pelo Ir.: Otto!—XVIII Confissão involuntaria sobre a explicação dos symbolos maçónicos. *Oasis* e a *Cruz* (segundo o livro sagrado, do Ragon).—XIX Atheismo e materialismo da maçonaria, etc.—Invoca-se o «Monde Maçonique» e o Ir.: Rebold.—Patria! os cosmopolitas! Patriotismo de Gomes Freire.—Racionalismo.—XX Misero estado da nossa Universidade e o recrutamento maçónico.—O velho e o novo Portugal; o Bonga, conventos e suicidios; can-can, escholae, etc.—XXI Refuta-se uma nova calunniasita do Ir.: Otto contra Pio IX.—Carta d'este Pontifice ao rei Guilherme. *Resposta do rei ao Santo Padre*.—Pseudo protesto maçónico contra a guerra franco-prussiana.—Decreto de regicidio.—Os mações e a communa.—Sacco da beneficencia na sessão magna de 19 d'abril de 1872.—As senhoras dos mações.—XXII Porque nos fatigou a *Prancha*.—Deos «architecto»!—Replicar! quem dera! (nota).

Appendice.—Uma carta bem notavel.—Documento relativo á hypocrisia da fraternidade e beneficencia maçónica.—Circular official maçónica do Grande Oriente de Roma contra o poder espirital do Papa e o Christianismo em geral.—A *Franc-Maçonaria*:—fim, obrigações e resultados, pelo padre Ramière da Companhia de Jesus.—Obediencia religiosa e obediencia maçónica (em nota).—O rigor da logica incomodando os moderados, e os jesuitas refutando o communismo.—Do que são e do que não são accusados os jesuitas (em nota).

1 volume de 280 paginas... 300 réis.
Edição em papel superior... 500 réis.

D'entre o muito que a imprensa disse acerca d'esta obra transcrevemos o seguinte

É um precioso livro que vem abrir os olhos a muito cego e dar luz a muito espirito desvaivado.

Publicação notavel pela vastissima erudição que revela e pela elegancia e belleza de seu contexto, a «Maçonaria Desmascarada» tem o raro merecimento de ser uma das poucas obras portuguezas que n'este paiz se tem publicado, para acudir á sociedade embaidada por tantas outras que a exploram e corrompem.

(Extracto da «Religião e Patria»).

A «Maçonaria Desmascarada» é o melhor livro que n'esto genero se tem publicado em Portugal.

Fez-se, pois, um grande e valiosissimo serviço á causa da patria e da religião, mas especialmente á causa da religião.

A «Maçonaria Desmascarada» explica tudo o que se pôde desejar saber com relação ás lojas maçónicas, á religião e politica, que lá se professam.

Depois é um livro bem escripto e nitidamente impresso.

Devéras o recommendamos a todos.

(«Atalain» de 11 de maio de 1873).

N'esse trabalho consciencioso e erudito, a seita é estudada sob todos os pontos de vista, em seus principios e em suas obras. O douto polêmico catholico arrancou a mascara ao imbnsteiro inimigo, e o apresentou á luz tal qual é em si na theoria e na pratica.

(Extrahido da «União», do Pernambuco).